

DA GENERALIDADE AO RECORTE TEMÁTICO

Rubens Alexandre da SILVA*

RESUMO: O objetivo deste artigo é descrever os caminhos percorridos na construção do objeto de pesquisa sobre o processo de ressocialização dos sentenciados na Penitenciária Estadual de Araraquara (São Paulo – BR). Outrossim, as dificuldades de aproximação ao tema, como entender o “objeto” e qual a relação “sujeitos investigadores” e “sujeitos investigados”.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema penitenciário; sentenciados; ressocialização; penitenciária “modelo”.

Introdução

Segundo o Dicionário Mirador Internacional, a palavra “aventura” significa “... acontecimento imprevisto, ação ou empresa arriscada, conquista amorosa ..., risco, acaso, sorte etc..”(Silva, 1976, p.230).

Particularmente, acredito que o trabalho científico, e aqui especificamente a labuta sociológica, está para além da aventura, não estou discordando do termo “aventura” empregado para a atividade sociológica (Nunes, 1978 e Santos, 1995). Outrossim, uma vez inserido na complexa rede do conhecimento, no enfrentamento de seus óbices, vamos perceber que não só a “aventura” faz parte desta realidade, mas principalmente a angústia e a depressão, com raros momentos de euforia e felicidade que provêm da superação deste estágio anterior. Estes dois instantes raros, pensamos, nos fazem seguir e prosseguir nos caminhos e descaminhos da

* Mestrando em Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP. Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia S. Botta Ferrante. Este texto faz parte do trabalho apresentado no curso de Metodologia para a aquisição de créditos.

ciência. Chamamos atenção para este detalhe por conta da discussão que pretendemos realizar aqui acerca da construção de nosso “objeto de pesquisa”.

A empreitada sociológica tem na realidade social a configuração de um universo que pode ser materializado numa rede extensa, complexa, multifacetada, relativa e contraditória, porquanto, histórica e dialética. Um leitor comum, (leia-se por leitor comum aquele leitor não habituado às leituras voltadas para os estudos acadêmicos, com discussões teóricas, conceituais e metodológicas infinitas) ao final do 2º parágrafo deste texto, provavelmente, já teria desistido de seguir adiante.

Refletir sobre o processo de investigação científica implica numa série de questões que se colocam ao longo da história do pensamento dito científico. Em outras palavras, a constituição das ciências, tanto naturais, como humanas, foi e é “objeto” de intermináveis debates em torno de seus princípios, conceitos e pressupostos. Isto ocorre não por mero devaneio ou vaidade por parte da comunidade acadêmica, mas por se tratar, acreditamos particularmente nisto, de problemas que estão em constante transformações, isto é, estes seriam mutáveis e não estáveis e permanentes. Vejamos mais de perto estas questões, e aqui especificamente o caso das ciências sociais, que é o que nos interessa.

A aproximação ao tema

Quando nos aproximamos de um determinado fenômeno social e nos propomos a estudá-lo, uma das primeiras precauções está em sabermos qual a sua importância na vida social, haja visto a multiplicidade de fenômenos decorrentes deste espaço, ou seja, qual a relação destes com a vida cotidiana dos indivíduos e que implicações os mesmos teriam na experiência coletiva e “individual” dos membros de uma determinada sociedade. Pensamos estar, entre outros, este, um dos principais motivos que levam um cientista social a se sentir instigado por determinado problema. Uma vez atraído por seu “objeto” de pesquisa, segundo Durkheim (1978), caberia ao pesquisador num primeiro momento, conceituá-lo. Ou como preferem outros teóricos, devemos “aquilatar o conceito” (sic). Dito de outro modo, definir precisamente o que é seu

“objeto” e que cara este tem, em seguida tornar visível qual a sua natureza, em que consiste suas características, para podermos abordá-lo de forma objetiva, se é que possível, isto é, ver o “fato social como coisa”, mantendo um certo distanciamento do mesmo.

Estas seriam, entre outras, algumas das recomendações da sociologia positivista quanto ao tratamento ou procedimento metodológico junto ao objeto de pesquisa. Por outro lado, a história das ciências humanas tem nos mostrado que há em toda teoria metodológica um considerável grau de relatividade. Tal qual a verdade seria algo relativo, como na construção de Max Weber (1993), não podendo se alcançar uma definição absoluta, as teorias também estão sujeitas a questionamentos, podendo se encaixar, em um momento ou em outro, de forma mais ou menos adequada para cada realidade histórica. (Queiroz, 1983).

No processo de construção do objeto, segundo Sérgio Adorno (1991), devemos tê-lo provisoriamente num primeiro momento, isto é, trabalhá-lo “a priori”, sem o definirmos imediatamente de forma definitiva. Por exemplo, em pesquisa realizada por estudiosos da USP - SP, que tinha por objeto a reincidência criminal no estado de São Paulo, os pesquisadores descobriram que a maioria absoluta dos casos de reincidência estava entre os criminosos que cumpriam suas penas em regime fechado, ou seja, no sistema carcerário. Noutra perspectiva, os infratores que pagaram suas sentenças com medidas alternativas, prestação de serviço à comunidade, regime semi-aberto, multas, sursis etc., eram de um percentual insignificante comparados aos reincidentes que estiveram no regime fechado. Diante deste fato, o direcionamento da pesquisa deixou de ser a reincidência criminal e passou a ser a reincidência carcerária, pois a medida em que os pesquisadores penetravam na complexa rede de informações do objeto em estudo, perceberam a necessidade de redefinir os caminhos da mesma. Tivesse o “objeto” definido sem possibilidade de ser repensado, isto é, caso fosse mantido a primeira idéia, que era de “reincidência criminal”, na qual se estudava este fenômeno social de maneira geral, sem a passagem para “reincidência carcerária”, postura posterior mais específica, provavelmente os resultados da pesquisa estariam comprometidos, pois ficariam colocadas num mesmo plano, as formas diferenciadas de penalidades com suas diferentes consequências. Isto demonstra que o objeto de investigação é fruto de um processo em que

o mesmo é construído na relação entre sujeitos investigadores e uma determinada realidade social que é ampla, com várias dimensões, relatividades e contradições, podendo ser alterado sempre que for necessário o for.

A construção do objeto de nossa pesquisa na Penitenciária de Araraquara

Em nosso trabalho de investigação sociológica junto à Penitenciária Estadual de Araraquara, quando das observações empíricas, o acúmulo de leituras que havíamos realizado a respeito da temática por nós escolhida, fora de fundamental importância na aproximação com os “sujeitos pesquisados”.

Extremamente habilidosos na capacidade de persuadir seus interlocutores em prol de seus interesses individuais, os sentenciados fazem de tudo para atingirem seus objetivos. Precavidos de suas artimanhas, penetramos no universo penitenciário não orientados por informações preconceituosas, mas por estudos realizados por pesquisadores que demonstravam os cuidados que se deveria tomar em se tratando da temática por nós pretendida. Sobre esta questão ver Adorno (1991).

Uma vez escolhido o tema e já inseridos no trabalho de campo, começamos a nos deparar com uma série de obstáculos que iam redefinindo a cada momento nosso enfoque de abordagem no local, tanto no que diz respeito à atividade propriamente dita de pesquisa, quais seriam os agentes preferenciais, os melhores locais para observações sobre os vários movimentos que ocorrem no espaço etc.; bem como da validade das noções e conceitos teóricos por nós definidos para a pesquisa.

Quando do início do trabalho empírico, percebemos que na verdade nosso objeto de pesquisa ainda não estava totalmente delimitado, pois questões novas foram aparecendo no contato com os sujeitos pesquisados. Dito de outro modo, da escolha temática, momento em que nos propusemos a estudar os sentenciados de uma penitenciária, que é considerada “modelo” pelas autoridades no assunto, ao trabalho empírico que ora estamos realizando, muitos foram os obstáculos, teóricos e práticos

que enfrentamos, e em virtude destes tivemos que rever continuamente o percurso.

As dificuldades de aproximação ao objeto: a construção de uma relação de confiabilidade

Quando chegamos pela primeira vez na penitenciária, tivemos que passar por um verdadeiro ritual de entrada no local. São as várias identificações em cada portão de entrada, as revistas, a conversa com diretores (momento de justificar nosso trabalho de pesquisa) e o olhar cerrado de cada agente deste espaço sobre nós, questionando-nos a cada movimento. Situação interessante se deu quando fomos visitar as salas de aula de ensino fundamental, local onde se reúnem sentenciados de vários pavilhões para estudo da 1ª a 8ª série. Uma vez autorizados pela direção da casa, para observação da referida atividade, acreditávamos que a maior dificuldade já teria sido vencida, qual não foi nossa surpresa quando os “reeducandos” paralisaram a aula para saber quem éramos e o que pretendíamos naquele lugar, (os sentenciados são chamados de “reeducandos” pelos funcionários do setor da educação). Apesar do professor ter feito toda uma apresentação anterior para os presos, do que se tratava etc., estes não satisfeitos e totalmente desconfiados começaram a fazer inúmeras perguntas. Muitos queriam saber de onde éramos, o que estávamos fazendo no local, qual o nosso interesse em estudar presos e principalmente o que eles iriam ganhar com a nossa presença e com o estudo que estamos realizando.

Informamos a eles sobre nossas intenções, sem vendermos ilusões de que estávamos ali para resolver seus problemas imediatos ou a médio prazo, mas que de uma forma ou de outra a pesquisa poderia ajudar na superação de algumas dificuldades, principalmente com a divulgação de suas experiências para outros agentes envolvidos com esta questão. Só depois de longa conversa, feitos os devidos esclarecimentos, é que fomos aceitos. Aprendemos bastante com este contato direto, desta relação entre “sujeitos pesquisadores” e “sujeitos pesquisados”. Percebemos que nosso “objeto de pesquisa” emergia pouco a pouco, a cada instante que mergulhávamos neste mar de informações, ou seja, o que para nós era

apenas referência teórica, se edificava diante de nossos olhos como experiência concreta. Em outras palavras, as inúmeras informações acumuladas anteriormente sobre o tema e a combinação destas com o trabalho de campo, bem como a idéia de termos o objeto de análise “a priori” no princípio das investigações, nos proporcionou maior flexibilidade e possibilidade de adequar nossos objetivos com os rumos da pesquisa, mais que isto, pudemos ver a relação da teoria com a prática em movimento.

Trajatória da pesquisa: o itinerário dos eixos teóricos

Aquilo que no início era um enorme emaranhado de informações começou a se delinear no que hoje se transformou em nosso “objeto de estudo”, a saber: “o processo de ressocialização” dos sentenciados na Penitenciária Estadual de Araraquara.

As várias idas e vindas à bibliografia especializada e o intercâmbio do trabalho de campo com esta, levaram-nos ao recorte temático acima definido, ou seja, do estudo mais geral sobre “formas de representação dos reclusos” e da relação dos sentenciados com o sistema penitenciário brasileiro”, chegamos ao problema de investigação que nos parece pertinente mediante o conceito empregado para tal instituição referida. Se a penitenciária de Araraquara é considerada “modelo” pelas autoridades no assunto e tem como pressuposto básico, além da punição, o processo de ressocialização dos sentenciados, cabe a nós pesquisadores questionarmos que ressocialização é esta, qual o seu caráter, para que serve ou a quem pode interessar? Mais do que isto, qual a validade histórica deste conceito? É a partir deste momento que começamos a realizar o que Santos (1995) considera a questão mais importante no trabalho de investigação sociológica, que é a passagem do “objeto real” para o “objeto científico”, a transformação de uma questão social em uma questão sociológica. Santos enfatiza que o sociólogo deve romper com as interpretações de senso comum e transformá-las em interpretações sociológicas, longe das noções ideológicas que permeiam a sociedade. Outrossim, deve tornar visível aquilo que parece obscuro, tornar inteligível aquilo que parece caótico e classificá-lo.

Quando começamos a desenvolver o trabalho de pesquisa na penitenciária de Araraquara um dos nossos primeiros objetivos era fazer um reconhecimento deste universo. Para tanto, utilizamos o caminho que chamamos de “formas de representação dos sentenciados” e suas “relações com o sistema penitenciário brasileiro”. Dito de outro modo, como os presos se vêem, se representam e quais dificuldades estes encontram na relação com o arcabouço jurídico penal brasileiro para o cumprimento de suas penas.

Deste estudo sobre as representações dos detentos várias categorias de análise surgiram, tais como: os faxinas, os reeducandos, os ladrões, os zicas, os garotos, os rebeldes, o choque etc. Sobre estes termos ver glossário no final do texto.

Ao penetrarmos neste espaço, inúmeras questões emergiram a cada instante, entre estas, uma que nos chamou bastante atenção foi o fato da grande maioria dos funcionários desta instituição, e por incrível que pareça, até mesmo os funcionários ligados a área de educação, não acreditarem na possibilidade do sentenciado voltar ao convívio social sem reincidir em criminalidade. Ora, se a “ressocialização” do recluso está entre os pressupostos básicos desta instituição e no trabalho se encontra a centralidade para a reeducação dos mesmos, quais os motivos que levariam os funcionários a ter tal posicionamento, tendo em vista o princípio da recuperação e o fato desta penitenciária ser considerada “modelo”.

A partir destas constatações, depois de termos passado por questões que nos pareciam bastante pertinentes e que também merecem uma investigação em maior profundidade, chegamos, por opção, ao nosso “objeto de pesquisa”. Ou seja, ao exame do “processo de ressocialização dos sentenciados da penitenciária de Araraquara”. Para analisarmos o conceito de ressocialização, isto é, tal processo referido, utilizaremos entre outras, as categorias de análise deste universo, citadas aqui anteriormente e também o papel da religião, do trabalho, do ensino fundamental, do lazer etc., como ferramentas de aproximação ao nosso “objeto”, procurando tornar o mesmo visível, inteligível e classificá-lo.

A particularidade de nossa pesquisa consiste na investigação do “processo de ressocialização” dos sentenciados da Penitenciária Estadual de Araraquara e as implicações das práticas vividas nesta instituição penal para reintegração desses sujeitos à sociedade

Passos dados: atalhos que se incorporam ao objeto

Como vimos, os passos dados para a construção de nosso objeto de pesquisa estiveram norteados por uma bibliografia voltada para a temática em questão. No entanto, nos vários caminhos percorridos por nós, tivemos que ousar em alguns momentos, tomamos algumas iniciativas que fugiam aos padrões mais rígidos de certas orientações acadêmicas. Por exemplo, por ocasião dos trabalhos empíricos que realizamos, em uma das aulas de ensino fundamental a que estávamos assistindo, um detento se aproximou da carteira onde nos encontrávamos e começou a fazer todo um depoimento nos informando sobre seu estado de saúde. Este era portador do vírus HIV há mais de 10 anos, e só não teria morrido ainda por vontade de Deus, pois o apoio recebido pela instituição na qual ele se encontra seria insignificante, este se resumia a um tal comprimido, denominado pelos detentos, como “pneu de jipe”. Este remédio, segundo o preso, seria usado para tudo, uma verdadeira panacéia, que os agentes penitenciários distribuem para os reclusos todas as vezes que estes tenham algum problema de saúde (o rapaz teria ouvido por um programa de rádio, da cidade de Araraquara, que existiria na mesma um grupo de apoio aos portadores do vírus HIV - leia-se por grupo de apoio o GASPA - , e que estavam distribuindo, gratuitamente, remédios para estas pessoas - leia-se por remédios os “coquetéis” de combate aos vírus HIV). A seguir, olhando firmemente para nós, como se tivesse cobrando uma postura humana de nossa parte, perguntou se não haveria a possibilidade de passarmos para ele o endereço de tal grupo de apoio para que ele pudesse se corresponder com o mesmo. Neste instante, sentimos um frio na espinha. Como negar para aquele homem tal informação? Seria correto levar para ele o endereço? Não estaríamos nos envolvendo com nosso “objeto de pesquisa” e abrindo precedência para novos envolvimento, comprometendo nosso trabalho? O fato é que, como forma de solucionarmos este problema, na semana seguinte entregamos para o professor deste aluno, o endereço do grupo de apoio, pois dos poucos agentes penitenciários que os presos confiam, estão entre eles, os professores. Tomamos os devidos cuidados para deixar claro que aquele não era nosso papel no local e que novos contatos desta natureza poderiam inviabilizar nossa pesquisa e que isto não

era interessante nem para nós e nem para eles, os sentenciados. O rapaz quando nos encontrou em uma outra vez, nos agradeceu e disse que tinha entendido o recado. Não sabemos qual fora o seu procedimento posterior, a verdade é que nos sentíamos bem mais à vontade no local e os olhares de curiosidade e hostilidade se transformavam em simpatia e aceitação de nossa presença.

Destes contatos entre “sujeitos investigados” e “sujeitos investigadores” pudemos criar outro cenário para nossa atuação no universo empírico. Saímos de uma situação em que as informações pareciam toldadas, quase sempre em forma de charadas, para uma realidade um pouco mais confiável, com depoimentos dos presos que antes eram quase impossíveis de serem obtidos. Não acreditamos ser este um procedimento que deva servir como via de regra para outras pesquisas, aqui ousamos, diante do quadro que se apresentava com esta atitude, isto não significa que em outros lugares possa ocorrer o mesmo, esta questão depende da sensibilidade dos pesquisadores no momento do trabalho empírico, perceber em que medida se pode avançar ou não, isto é, fugir a certas regras “formais” de procedimentos metodológicos.

Como já dissemos, nosso recorte temático é o “processo de ressocialização” do sentenciados da Penitenciária Estadual de Araraquara. Por ressocialização nossa pesquisa compreende o conceito tal qual apresentado por Capeller (1985).

O discurso jurídico sobre a ressocialização e, conseqüentemente, a construção do conceito, nasceu ao mesmo tempo que a tecnificação do castigo. Quando o “velho” castigo, expresso nas penas inquisitoriais, foi substituído pelo castigo “humanitário” dos novos tempos, por uma nova maneira de disposição dos corpos, já não agora dilacerados, mas encarcerados; quando se cristaliza o sistema prisional e a pena é, por excelência, a pena privativa de liberdade; quando procura-se mecanizar os corpos e as mentes para a disciplina do trabalho nas fábricas, aí surge, então, o discurso da ressocialização, que é, em seu substrato, o retreinamento dos indivíduos para a sociedade do capital. Neste sentido, o discurso dos “bons” no alto de sua caridade, é o de pretender recuperar os “maus”

Isto significa dizer que analisaremos o processo de ressocialização na Penitenciária de Araraquara, na qual os sentenciados são “retrainados” para o mundo do trabalho, passando pelos métodos de recuperação da citada instituição, tais como: trabalho, ensino fundamental, esportes, religião etc., para voltar supostamente ao convívio social sem reincidirem em criminalidade, tendo que “aceitar” as regras da “sociedade do capital”, para a qual em princípio vão retornar. Em outras palavras, procuraremos investigar o que na verdade se esconde por trás do discurso e da prática da ressocialização, ou seja, qual a relação deste conceito com o sistema penitenciário brasileiro. Os sentenciados são reintegrados à sociedade ou são estigmatizados e excluídos desta? A ressocialização seria um processo de marginalização? Estas são hipóteses que estamos constatando.

Como chegamos a este recorte temático? Algumas questões já foram enunciadas nas linhas anteriores, o fato da Penitenciária de Araraquara ser considerada “modelo” e ter na atividade do “trabalho” um de seus principais pressupostos para a ressocialização dos sentenciados, entender o “objeto de pesquisa” como algo “a priori” num primeiro momento, a relação “sujeitos pesquisados” e “sujeitos pesquisadores”, as dificuldades de transformação do “objeto real” em “objeto científico” entre outras coisas. Tudo isto surge num processo, dia-a-dia, a cada passo dado na busca de produção de conhecimento, que é esta relação entre teoria, observação e interpretação. Buscamos checar a validade das noções e dos conceitos teóricos empregados na pesquisa. Procuramos não ficar amarrados a procedimentos fechados que podem impedir uma “prática da descoberta”, o que nos leva a incorporar o “primado do erro” como fundamento das “verdades relativas”, sem perdermos de vista o que Bourdieu (1983) chama de “vigilância epistemológica”, cuidadosos com os fatos e acontecimentos sociais relevantes para o objeto da pesquisa; o rigor com a metodologia e o julgamento do próprio método.

Por fim, faremos a constatação das hipóteses que foram elaboradas a partir do objeto, isto é, a relação entre o teórico e o objeto real em que apresentaremos uma síntese de nossas análises, momento “superior da interpretação”.

Glossário

Choque: são os agentes penitenciários que cuidam da disciplina e segurança da penitenciária. São responsáveis pelas investigações de ocorrências de problemas nos pavilhões, revistas nas celas, nos raios etc.

Faxinas: são geralmente lideranças nos pavilhões, este grupo além de promover a limpeza no raio (nome dado ao pavilhão), também detêm poder no controle do mesmo.

Garotos: são presos homossexuais ou que se tornaram homossexuais na prisão.

Ladrão: termo utilizado pela maioria dos sentenciados para se dirigirem uns aos outros, com o intuito de se diferenciarem dos funcionários da penitenciária, que eles chamam de polícia.

Rebelde: preso que não se incorpora nas regras da instituição, e nem nas regras dos próprios detentos, vive em constante conflito com todos.

Reeducando: termo utilizado pelos funcionários do setor de educação para se referir aos sentenciados em geral.

Zicas: segundo alguns sentenciados, os Zicas são matadores de cadeia, presos que se dedicam a atividade de matar outros presos.

Referências bibliográficas

ADORNO, S. A. A prisão sob a ótica de seus protagonistas. itinerário de uma pesquisa. *Tempo Social*, (São Paulo), v.3, n.12, 1991.

BOURDIEU, P. *Uma ciência que perturba: questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAPELLER, W. O direito pelo avesso: análise do conceito de ressocialização. *Temas*. v.2, n.2, p.127-34, 1985.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU / FFLCH/USP, 1983.
- SANTOS, J. V. T. A aventura sociológica na contemporaneidade. In: ADORNO, S. (Org.). *A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1995, p.73-84.
- SILVA, A P et al. *Mirador Internacional*. São Paulo: ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA DO BRASIL, 1976, v.1.
- WEBER, M. A "objetividade" do conhecimento na ciência social e na ciência política - 1904. In: _____. *Métodos das ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1993.